



SOCIOLOGIA



SOCIOLOGIA DO TRABALHO: O TRABALHO E A SUA EVOLUÇÃO CONCEITUAL AO LONGO DA HISTÓRIA – SOBRE A DEFINIÇÃO DE TRABALHO

*SOCIOLOGY OF WORK: WORK AND ITS CONCEPTUAL EVOLUTION THROUGH
HISTORY – ON THE DEFINITION OF WORK*

Emanuel Isaque Cordeiro da Silva – IFPE-BJ, CAP-UFPE e UFRPE¹

RESUMO

Começamos, diminuto, com uma análise da complexidade do conceito de “trabalho”. Apresento ao leitor as várias interpretações que o mesmo termo obteve ante as mais diversas culturas. Para essa análise, gozamos de elementos da história e da filosofia do trabalho, tendo como objetivo supremo, culminar numa perspectiva genérica e integral o suficiente para a compreensão dos mais variados trabalhos humanos existentes na história da humanidade e, com isso, sugerir um novo olhar para a sociologia do trabalho, deixando de lado, juntamente com outras disciplinas científicas, um conceito vago, defasado e reduzido, bem como sem potencialidade para o futuro do trabalho, como um trabalho formal e primordialmente assalariado.

Palavras-chave: Conceito, Trabalho; História; Definição.

ABSTRACT

We begin, diminutive, with an analysis of the complexity of the concept of “work”. I present to the reader the various interpretations that the same term has obtained before the most

¹ Bacharelado em Zootecnia pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE (2019-). Tecnólogo em Agropecuária pelo Instituto Federal de Pernambuco *Campus* Belo Jardim (2016–2018). Normalista (magistério) pela Escola Estadual Frei Cassiano Comacchio (2014–2017). Professor substituto e de reforço do Colégio de Aplicação da UFPE e do Colégio Santa Maria. Pesquisador assíduo de assuntos com cunho educacional, filosófico, político e social. Contatos: eisaque335@gmail.com / eics@discente.ifpe.edu.br e WhatsApp: (82)9.8143-8399.



SOCIOLOGIA



diverse cultures. For this analysis, we enjoy elements of the history and philosophy of work, having as supreme objective, to culminate in a generic and integral perspective sufficient for the understanding of the most varied human works existing in the history of mankind and, thus, to suggest a new look at the sociology of work, leaving aside, together with other scientific disciplines, a vague, laggard and reduced concept, as well as without potentiality for the future of work, as a formal and primarily salaried work.

Keywords: Concept; Work; History; Definition.

BASES TEMÁTICAS DESSE TRABALHO

- O trabalho é um conceito construído socialmente;
- A modernidade trouxe consigo mudanças significativas quanto à valorização do trabalho;
- A origem dos mercados de trabalho, juntamente com o surgimento do capitalismo, minimizaram o trabalho como um mero emprego assalariado;
- O trabalho, no entanto, apresenta múltiplas manifestações nas nossas sociedades.

1. SOBRE A DEFINIÇÃO DO TRABALHO

Gostaríamos de começar esse texto com uma introdução à definição de trabalho, uma questão de importância indiscutível, considerando o trabalho não apenas como o objeto de estudo da Sociologia do Trabalho, mas também como um tema de discussão contemporânea que obteve inúmeros conceitos de grandes autores ao longo da história, desde o trabalho como algo “escravista” ao homem, até a supervalorização do mesmo mediante ao homem.

O trabalho, nas palavras de Yves Simon (1903-1961)², é um daqueles termos que são precedidos por fatos da vida cotidiana do homem, que se escondem por trás do mistério do habitual ou usual. É um termo, portanto, que possui uma riqueza factual muito superior à qualquer definição que se pode concentrar. Santo Agostinho (354-430), referindo-se ao tempo, sabia o que era, mas se o perguntassem como defini-lo, apontou que não sabia como fazê-lo (“*Si nemo ex me quaerat, scio; si quaerenti explicare velim, nescio*”), traduzindo (“Se ninguém me perguntar, sei o que é; mas se quiser explicá-lo a quem me perguntar, não sei”).³

² Cf. SIMÓN, Y. R.; KUIC, V. **Work, society and culture**. Nova Iorque: Fordham University Press, 1971.

³ AGOSTINHO. **Confissões**. 1964, XI, 14, 17.



SOCIOLOGIA



Assim como Agostinho, algo parecido acontece conosco quando nos pedem para definir o trabalho. Assim como diria Werner Sombart (1863-1941), a palavra pode não ter um significado real, apesar de seu uso frequente. E é que o trabalho, como uma atividade criativa, faz parte da história humana desde sua gênese, há mais de 2 milhões de anos atrás, quando o *homo habilis* mostrou-se capaz de criar conscientemente e por si próprio (e não por mera carga genética como acontece com várias espécies animais) seus próprios instrumentos.⁴

O supracitado Yves Simon, escolheu em seu texto mais representativo sobre o tema, uma maneira mais razoável de se definir o trabalho. Começou com o método de caso mais óbvio. Nesse sentido, mostrou que a ambivalência entre o trabalho manual e intelectual que o tempo parece não deixá-lo ir completamente, optara pelos “trabalhadores ao invés dos advogados, comerciantes ou homens de letras”. Essa ordem de prioridade não significa exclusão, mas sim graus de aceitação que considero fazer parte do critério ainda mantido por muitos a respeito do termo “trabalho”.

Nesse sentido, argumenta-se que o trabalho manual corresponde a sua ligação direta com a natureza física. O termo “direto” não ignora a mediação de máquinas e ferramentas, apenas comenta seu caráter relacional com a natureza. Logo, o trabalho significa a modificação de algo.

Entre as características desse trabalho, ao menos o manual, Simon ressalta que é uma atividade apenas transitória. Isso significa que o trabalho produz um efeito fora do agente que o executa. É o caso de um carpinteiro que age sobre a madeira para moldá-la e transformá-la em um bem de uso posterior como uma mesa, um banco, etc.

O mesmo autor ressalta que, se o efeito reside apenas no agente e não em um assunto externo, estaríamos enfrentado algo que chamaríamos de jogo, esporte, exercício ou mesmo a “imitação do trabalho”.

⁴ *Homo habilis* é, segundo alguns especialistas, a espécie mais antiga de *Homo* que se conhece. Com cerca de 1,57 m de altura, pouco mais de 50 quilos de peso e um cérebro de até 800 Cm³, o *Homo habilis* se desenvolveu graças à sua capacidade de adaptação cultural e social: ele tinha, por exemplo, o hábito de dividir os alimentos com os integrantes de seu grupo, criando, assim, laços de solidariedade (AZEVEDO & SERIACOPI, 2008, p. 10). O *Homo habilis* também é conhecido como o primeiro fabricante de instrumentos de osso, pedra e madeira (BRAICK & MOTA, 2016, p. 24).



SOCIOLOGIA



Por outro lado, o trabalho é uma atividade útil, isto é, propício para produzir um bem que seja útil e desejável por alguém. Finalmente, a racionalidade é um elemento que distingue o trabalho dos homens em relação com os animais. Essa ideia remonta com Hume (1711-1776), que insistia que o trabalho distingue os homens dos animais. Essa visão também será desenvolvida com Marx (1818-1883), que reproduzimos mediante uma célebre passagem do primeiro livro de *O Capital*.⁵

[...] Pressupomos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colmeias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera (MARX, 1996, p. 297/98).

Na tradição marxista, foi Engels (1820-1895) quem parou mais nesses questões. Em seu ensaio particular escrito em 1876 e intitulado “*O papel do trabalho na transformação do macaco em homem*”, sintetiza a ideia de que é o trabalho quem cria e faz o homem.

Passando para o trabalho intelectual, Simon ressalta que, na verdade, a medida em que contribui para o trabalho manual desenvolvido por outros, a atividade intelectual também poderá ser denominada de trabalho.⁶ Avançando nessa concepção do filósofo, posteriormente, ele aponta “para que uma atividade seja qualificada como trabalho, ela deve ser não apenas honesta mas, também, socialmente produtiva”.

Essa concepção de utilidade produtiva é a mais generalizada no momento de distinção do trabalho com demais atividades. Como exemplo, podemos citar Friedmann (1902-1977) que aponta que a utilidade é a primeira característica do trabalho humano.⁷ E ainda cita economistas como Colson (1853-1939). Ressalta ainda que “o trabalho é o meio pelo qual o homem exerce suas capacidades físicas e morais para a produção de riquezas ou serviços”. Por outro lado, o filósofo Bergson (1859-1941) escreveu que “o trabalho humano consiste em criar utilidade”.

⁵ MARX, K. **O Capital**. In: Os Economistas. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

⁶ Neste ponto, devemos salientar que a distinção entre trabalho manual e intelectual é inadequada e errada. Inadequada porque tende a gerar espaços de poder contraproducentes nas organizações (onde os intelectuais tendem a ocupar funções hierárquicas superiores aos trabalhadores manuais). Errada porque todo trabalho manual tem um componente intelectual e vice-versa. Só esta classificação explica-se pela história particular do desprezo que se teve do trabalho em certas civilizações e a mudança abrupta gerada pelas modernas sociedades produtivistas, situação em que os intelectuais tiveram que legitimar seus papéis.

⁷ Cf.: Friedmann, G.: “*O Objeto da Sociologia do Trabalho*”, In: Friedmann e Naville: **Tratado de Sociologia do Trabalho**. São Paulo: Cultrix, 1973 (versão original em francês, 1961), pág. 13.



SOCIOLOGIA



Não obstante, Friedmann se pergunta se a teleologia do trabalho é a única variável a ser tomada em conta para a construção da definição do conceito. Nesse sentido, ele aponta a necessidade de se incluir outros fatores relevantes para essa edificação do conceito, uma vez que os animais também “criam utilidade”. Logo, a distinção poderia estar presente no “marco de uma luta social contra a natureza”. Mediante isso, o trabalho seria “essencialmente através da técnica, a transformação que o homem faz da natureza que, por sua vez, reage ao homem modificando-a”. É a mesma visão marxista que fizemos referência anteriormente, segundo o qual o “trabalho é, em primeiro lugar, um processo entre o homem e a natureza, como o qual o homem regula, realiza e a controla por meio de suas ações, sua troca de assuntos com a natureza. Coloca em ação suas forças naturais que configuram sua corporeidade, seus braços e pernas, cabeça e mãos, para que desse modo, possa assimilar, sob uma forma útil à sua própria vida, os materiais que a natureza o proporciona. E ao mesmo tempo que age na natureza externa e a transforma, transforma também sua própria natureza, desenvolvendo, assim, as faculdades antes adormecidas em si”. Inteligentemente, Friedmann foi capaz de assegurar que, no mundo contemporâneo, tal definição é parcial, uma vez que, nem todas as atividades do homem são rurais e manufatureiras, onde a relação-transformação com a natureza é mais evidente. As atividades denominadas terciárias, segundo a tradicional tipologia de Colin Clark (1905-1989), e que ampliarei posteriormente no conceito de trabalho intelectual, também devem ser levadas em consideração. Nesse sentido, Friedmann ressalta que, no século XX, o homem no trabalho não é sempre e menos ainda, no sentido clássico do termo, um *homo faber*.

Todavia, isso força Friedmann a pensar em um conceito diferente de trabalho e, para isso, ele confia que “determinada imposição” é específica e o diferencia de outras atividades que não são trabalho. Dessa maneira, para um trabalho ser tal deverá ter uma quota indispensável de obrigações.

Tantas indagações e reflexões acerca do supracitado, nos obriga a perguntamo-nos: a pessoa “trabalha” apenas se for obrigada a fazê-lo? Os animais não trabalham/produzem? Em condições de alienação desenvolvida e, portanto, o homem desconhecendo o fim último do seu labor, não estamos lidando com um trabalho? Quem age sobre a natureza, afim de destruí-la logo, não lhe conferindo valor, está trabalhando? A dona de casa que não produz para o mercado de trabalho não está trabalhando? Todas essas perguntas, se respondidas, fariam menção a um conceito de trabalho que, sem dúvida, ainda não foi unanimemente construído pela humanidade. De fato, quando vemos culturas e povos distintos, notamos que eles lidaram com conceitos



SOCIOLOGIA



muito diferentes sobre o que é e o que não é trabalho. Mesmo dentro dessas culturas – incluindo a nossa- e aqueles tempos - incluindo o nosso -, podemos notar uma pluralidade de abordagens que obedece a perspectivas distintas e, por vezes, conflitantes. Acrescenta-se a isso que, hoje em dia, temos herdado muitos atributos do trabalho das culturas anteriores, o que torna nossa sociedade representada, sociologicamente, por um caldeirão de comportamentos e conceitualizações relacionados ao trabalho, o que dificulta a partir de critérios mais ou menos consensuais. Posteriormente, veremos quais são esses critérios e como eles evoluíram ao longo da história para alicerçar nossa perspectiva contemporânea acerca do trabalho.

Hannah Arendt (1906-1975), dado às dificuldades supracitadas, decidiu traçar a etimologia dos termos de trabalho em questão, em sua famosa obra *A condição humana* de 2007, em que aclara os termos e as distinções entre trabalho e labor.⁸ Etimologicamente temos o grego distinguindo a partir de *ponein* e *ergazesthai*; o Latim entre *laborare* e *facere* ou *fabricare*; o inglês com *labor* e *work* e, por fim, o alemão entre *arbeiten* e *werken*. Em todos eles, aponta Arendt, apenas os equivalentes de “trabalho” significam, sem infortúnio, sofrimento e infelicidade. O *Arbeiten* alemão foi aplicado somente para designar as atividades de campo exercida pelos servos e não ao trabalho dos artesãos, denominado *Werken*. Outros autores sinalam que em francês *Travailler* que tem uma substituição do termo “trabalho”, vem do “*Tripalium*” (do latim “*Tripaliare*”, uma espécie de instrumento de tortura usado na antiguidade para castigar os escravos). De qualquer forma, todos os supra conceitos não são aceitos por todos os etimologistas.

Essas distinções são eloquentes na medida em que reproduzem a visão de diferentes e inúmeras culturas em relação ao trabalho. Nesse sentido, seguindo o pensamento arendtiano, existe um conceito que faz menção à uma avaliação notadamente negativa, e é o que deu origem à conformação do termo “labor”. Por outro lado, a mesma etimologia distingue outro termo (a obra) que representa conotações positivas. O que distingue os dois termos e o que popularizou Locke quando se referiu ao “trabalho de nossos corpos e trabalho de nossas mãos”? A diferença está, de acordo com Arendt, em que o trabalho cria bens fúteis dedicados ao mero consumo promovendo assim, com o passar dos anos, uma sociedade de massas onde desaparecerá o trabalho dito bem feito, típico de artesãos, que criam objetos de uso durável ao longo do tempo, mediante um processo de fabricação e que, em nenhum momento, implica o tédio ou a alienação

⁸ Cf: ARENDT, A. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.



características de uma sociedade de massa. Os gregos, segundo a pensadora, e então vamos confirmar isso, nunca praticaram essa diferença: tanto o trabalho quanto o artesanato na antiguidade grega eram reservados para os escravos, uma vez que todas as obrigações tinham uma natureza servil. Estes se opuseram à contemplação de quaisquer tipos de atividades. Nos chama a atenção que em nossa sociedade, a partir da idade moderna, houve a inversão da perspectiva acerca do trabalho, isto é, houve uma “glorificação” do mesmo⁹ em que foi conferido uma elevação do *animal laborans* sobre o *animal racional*. A pensadora alemã ainda nos diz que em vez da distinção trabalho-labor, surge outras que devemos nos atentar, são a relação entre trabalho produtivo e improdutivo; entre trabalho qualificado e não qualificado e, finalmente, entre o já conhecido binômio do trabalho manual-intelectual. A primeira dessas distinções, a relação entre produtividade e improdutividade, foi a mais transcendente e primordial nas origens das ciências econômica e social. Adam Smith (1723-1790) e Karl Marx desprezaram o trabalho improdutivo a tal ponto de não considerar o mesmo como trabalho ao menos que enriquecesse o mundo.¹⁰ Essa distinção se aproxima do supracitado trabalho-labor do princípio. A elevação do trabalho produtivo, acima das visões antigas; é expressamente perceptível em alguns autores clássicos. É o que acontece com as contribuições do filósofo Marx, para quem o trabalho é uma fonte de produtividade (originada na energia humana não exaurida e que produz a *mais-valia*); com Smith, para quem o trabalho é uma fonte de riqueza; e com Locke, para qual o trabalho é fonte de propriedade.

Em relação ao trabalho qualificado e não qualificado, Arendt nos diz que não tem mais sentido na atualidade a sua discussão, uma vez que, esse praticamente desapareceu sob a influência das modernas tecnologias organizacionais. Logo, a distinção entre trabalho e labor estaria obsoleta e abandonada em favor do próprio trabalho.

A distinção entre trabalho manual e intelectual tornou-se amplamente interessante desde a perspectiva arendtiana. Com efeito, como cada ocupação deve mostrar sua utilidade para toda a sociedade em seu conjunto, e a utilidade da ocupação intelectual -diz Arendt- chega a ser mais

⁹ O tema pode ampliar-se em: SILVA, E. I. C. da. **Max Weber e a Análise Cultural da Valorização do Trabalho**. Disponível na coleção pessoal do autor, em: maxwebertrabalho.drive.br/pdf Acesso em: 04 de Jul. de 2019.

¹⁰ Com respeito a Marx, uma posição diferente daquela exposta por Arendt é a que Noguera entrega, para quem, ao contrário do que aconteceu com o regime soviético, sua obra não pretendia elogiar o trabalho. Cf. NOGUERA, J. A. **El concepto de trabajo y la teoría social crítica**. Barcelona: Papers Revista de Sociología 68. Universidad Autónoma de Barcelona, 2002, p. 150.



SOCIOLOGIA



que duvidosa quando confrontada com a glorificação do trabalho, seria mais que natural que os intelectuais quisessem conformar a população laboriosa, algo inimaginável entre os gregos. A isso se soma a demanda que o mundo contemporâneo faz do trabalho intelectual.

O pensamento revolucionário do século XX não era alheio a essa distinção. Haya de la Torre (1895-1979), um pensador e líder da oposição peruana do século XX, disse afirmando claramente uma leitura de classe que divide o trabalhador do explorador:

“A revolução está em uma distinção que todos podemos fazer por si só: há aqueles que vivem do seu próprio trabalho e há aqueles que vivem do trabalho dos outros. Todos, de acordo com sua consciência, poderá decidir a qual dessas duas classes pertence” (1924, pp. 24-25).¹¹ (Tradução própria).

Se rastrearmos por uma linha histórica, no entanto, veremos como esse trabalho intelectual não foi considerado trabalho, uma vez que partiu do mundo do lazer e da contemplação entre os gregos.

Apenas com a “glorificação” do trabalho, antes supracitada, é que o “intelectual” assume uma perspectiva de ser considerado trabalho, não obstante, sob pena de ser considerado improdutivo em uma sociedade onde o valioso parece ser tudo aquilo que tem poder produtivo.

Posteriormente, traçaremos uma linha histórica sobre os conceitos e perspectivas acerca dos trabalhos manual e intelectual desde os gregos, passando pela “glorificação” na era moderna até os dias atuais.

¹¹ Cf. HAYA DE LA TORRE, V. R. **Moral Revolucionaria**. In: Bohemia Azul, Lima, n.º. 7, 1 de janeiro de 1924, pp. 24-25.



SOCIOLOGIA



SOCIEDADE BRASILEIRA
DE SOCIOLOGIA

REFERENCIAL TEÓRICO

ARENDT, H. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. Posfácio de Celso Lafer. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

AZEVEDO, G. C.; SERIACOPI, R. **História geral e do Brasil**. Vol. Único. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2008.

BAVA, A. C. **Introdução a sociologia do trabalho**. 1ª ed. São Paulo: Ática, 1990.

BOMENY, H. *et al.* **Tempos modernos, tempos de sociologia**. 2ª ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2013.

BRAICK, P. R.; MOTA, M. B. **História**: das cavernas ao terceiro milênio. 4ª ed. São Paulo: Moderna, 2016.

FRIEDMANN, G.; NAVILLE, P. **Tratado de Sociologia do Trabalho**. 1ª ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

MACHADO, I. J. de R.; AMORIM, H. J. D.; BARROS, C. R. de. **Sociologia hoje**. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2013.

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. 1ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Col. Os Economistas.

NOGUERA, J. A. **El concepto de trabajo y la teoría social crítica**. Barcelona: Papers, 2002.

OLIVEIRA, P. S. de. **Introdução a sociologia**. 24ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

SIMÓN, Y. R. **Work, society and culture**. 1ª ed. Nova Iorque: Fordham University Press, 1971.

SILVA, A. *et al.* **Sociologia em movimento**. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2016.

TORRE, V. R. H. de la. **Moral Revolucionaria**. *In*: Bohemia azul, Lima, n° 7, 1924.



SBS - Sociedade Brasileira de Sociologia
PUCRS - PPG em Ciências Sociais
Avenida Ipiranga, 6681 - Partenon
CEP: 90619-900 - Porto Alegre, RS
secretaria@sbsociologia.com.br



SOCIEDADE BRASILEIRA
DE SOCIOLOGIA

